



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

Conferência

Por J. R. DOS SANTOS JÚNIOR
Prof. Jub. da F. C. da Univ. do Porto e
Presidente da Soc. Portug. de Antropologia

A cultura dos berrões proto-históricos do Nordeste de Portugal

(Na Soc. M. Sarmento, 6 de Junho de 1975)

... Agradecendo as palavras que o seu colega e velho amigo Dr. Augusto Ferreira da Cunha, ilustre Presidente da Direcção da Sociedade Martins Sarmento teve a gentileza de, tão encomiasticamente, ter feito a sua apresentação, disse:

... Antes de mais presto a minha homenagem ao insigne patrono desta nobre casa, a que muito me honro de pertencer como seu humilde sócio correspondente.

... Quero também manifestar a minha sincera estima e alto apreço pelo distinto arqueólogo Coronel Mário Cardozo, que, como Presidente desta Sociedade lhe imprimiu um tal desenvolvimento e projecção, atributos que ficaram a assinalar um brilhante período da história desta nobre Instituição.

É de crer que a actual Direcção prossiga com entusiasmo as tarefas que impuseram esta Sociedade ao alto e bem merecido apreço de nacionais e estrangeiros.

... Queira Deus que o exemplo que Martins Sarmento legou aos vimaranenses esteja sempre bem presente no espírito de todos, para que a obra grande que ele brilhantemente iniciou no campo da ciência e da instrução, prossiga com redobrado entusiasmo e aumente dia a dia.

*
* *

Iniciou a sua conferência por considerações de ordem geral.

O termo «berrão», como que se designa o porco inteiro ou por castrar, foi tomado pelos arqueólogos para designar as estátuas zoomórficas de pedra representando porcos, touros e outros animais.

O povo chama *berrões* (os espanhóis *verracos*) aos porcos inteiros ou de cobrição.

Os arqueólogos tomaram esta palavra como designação geral das estátuas proto-históricas zoomórficas de pedra, representando especialmente porcos e touros.

No nordeste de Portugal conhecem-se, até agora, 49 dessas estátuas, sendo 37 de porcos, 3 de javalis, 7 de touros, 1 de bode e 1 de urso.

Dessas 49, são trasmontanas 45 e 4 logo a sul do rio Douro perto da fronteira.

São quase todas de granito, menos a chamada *Berroinha da Açoreira* (Moncorvo) que é de talco, e o *Porco da Fonte de Linhares* (Carrazeda de Ansiães), desaparecido, que era de mármore.

Apenas 9 se conservam íntegros. Os outros foram mais ou menos mutilados. Alguns são mesmo verdadeiros destroços.

As estátuas que se conservam inteiras ou aquelas de que resta a parte traseira têm, quase todas, os caracteres do sexo masculino bem patentes; isto é, são estátuas de machos.

De 27 dessas estátuas sabe-se, averiguadamente, que foram encontradas em castros. As outras é bem possível que tenham tido a mesma origem.

*
* *

A falta de lanterna de projecção epidiascópica não permitiu que a projecção de fotografias acompanhasse as referências a alguns dos mais notáveis *berrões*, p. ex.

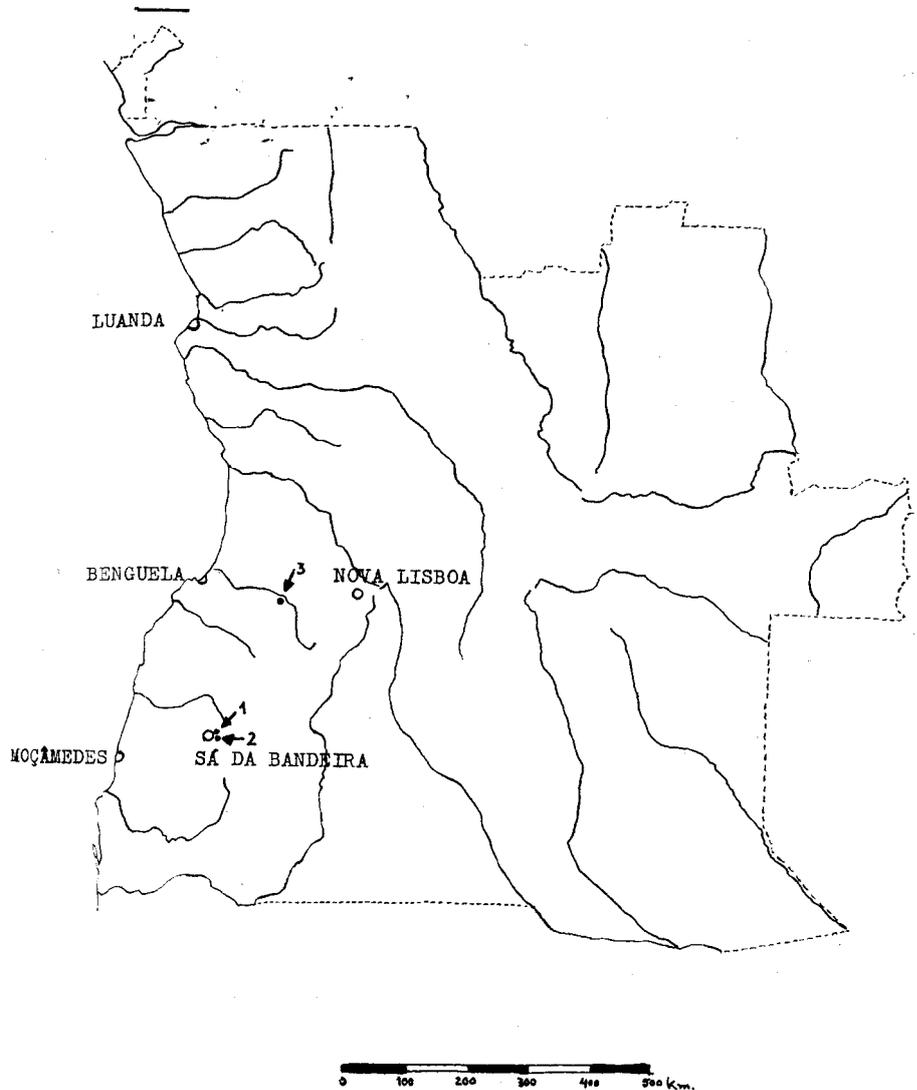


Fig. 1 — Carta de Angola, mostrando a localização genérica das estações estudadas no presente trabalho:

- 1 — Jazida 1 dos Barracões;
- 2 — Jazida 1 do Rio Capitão;
- 3 — Povoado fortificado da Quitavava.



Fig. 2 — Localização das Jazidas n.º 1 dos Barracões e n.º 1 do Rio Capitão (Sá da Bandeira) na carta de 1/100.000 (Serviços Geográficos e Cadastrais de Angola, folha 336 — Sá da Bandeira) (indicadas por círculos).



Fig. 3 — Localização do povoado fortificado da Quitavava (Alto Catumbela, Ganda) na carta de 1/100.000 (Serviços Geográficos e Cadastrais de Angola, folha 254 — Quinjenje) (indicado por um círculo)



Fig. 4 — Terraço III da Jazida n.º 1 dos Barracões (Sá da Bandeira)

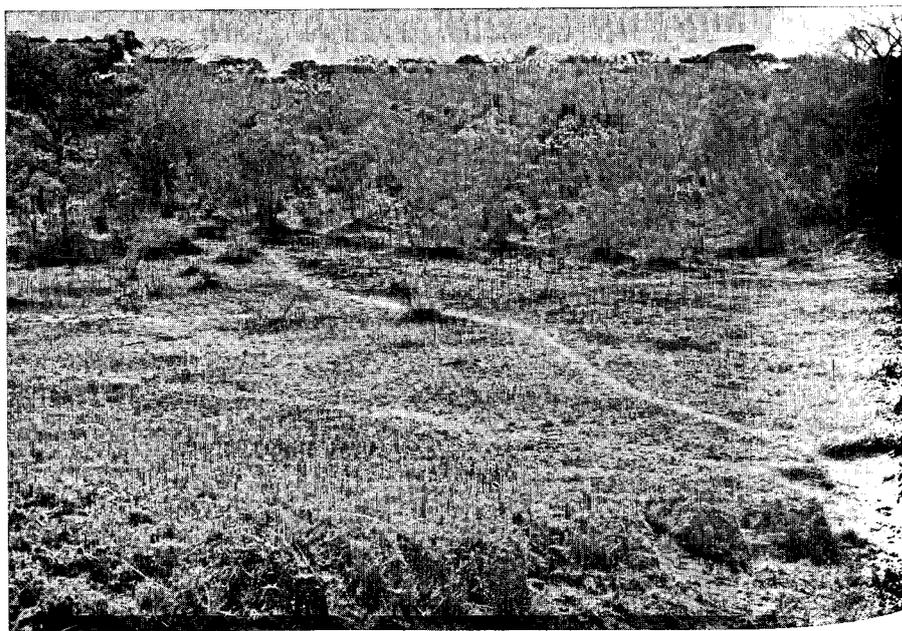


Fig. 5 — Aspecto do terraço II da jazida n.º 1 dos Barracões (Sá da Bandeira)

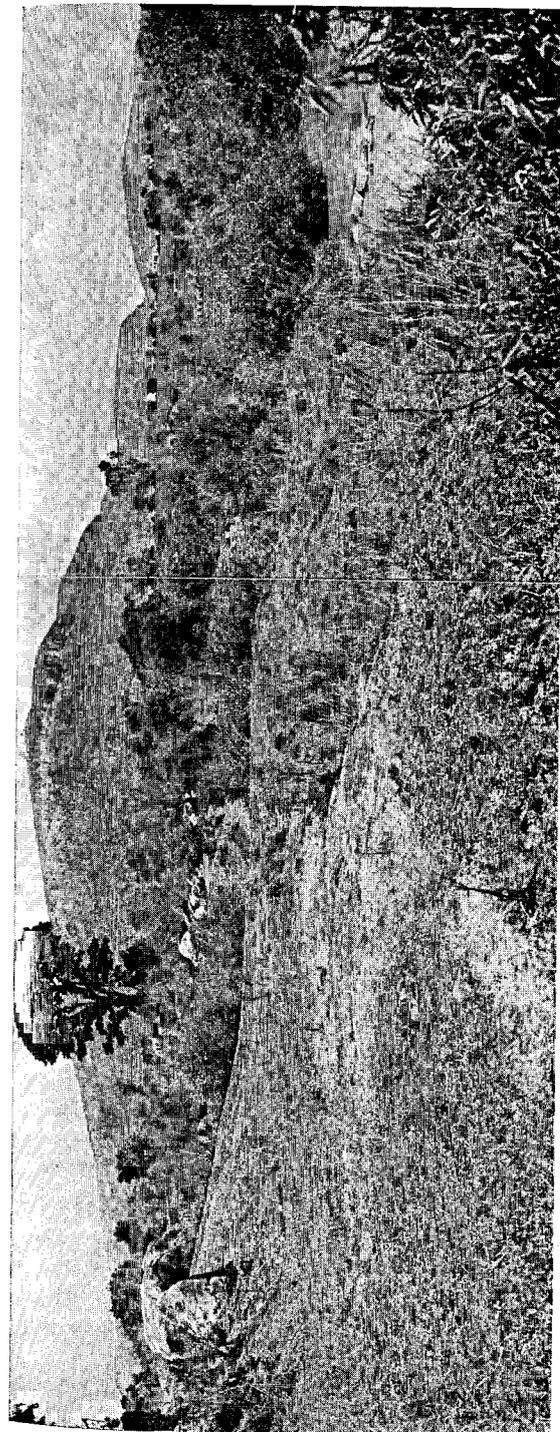


Fig. 6 — Terraço I da Jazida 1 dos Barracões, vendo-se, à direita, o rio Caculuar (Sá da Bandeira)



Fig. 7 — *Cascalheira do terraço III dos Barracões.*



Fig. 8 — *Aspecto parcial da jazida 1 do rio Capitão (Sá da Bandeira).*

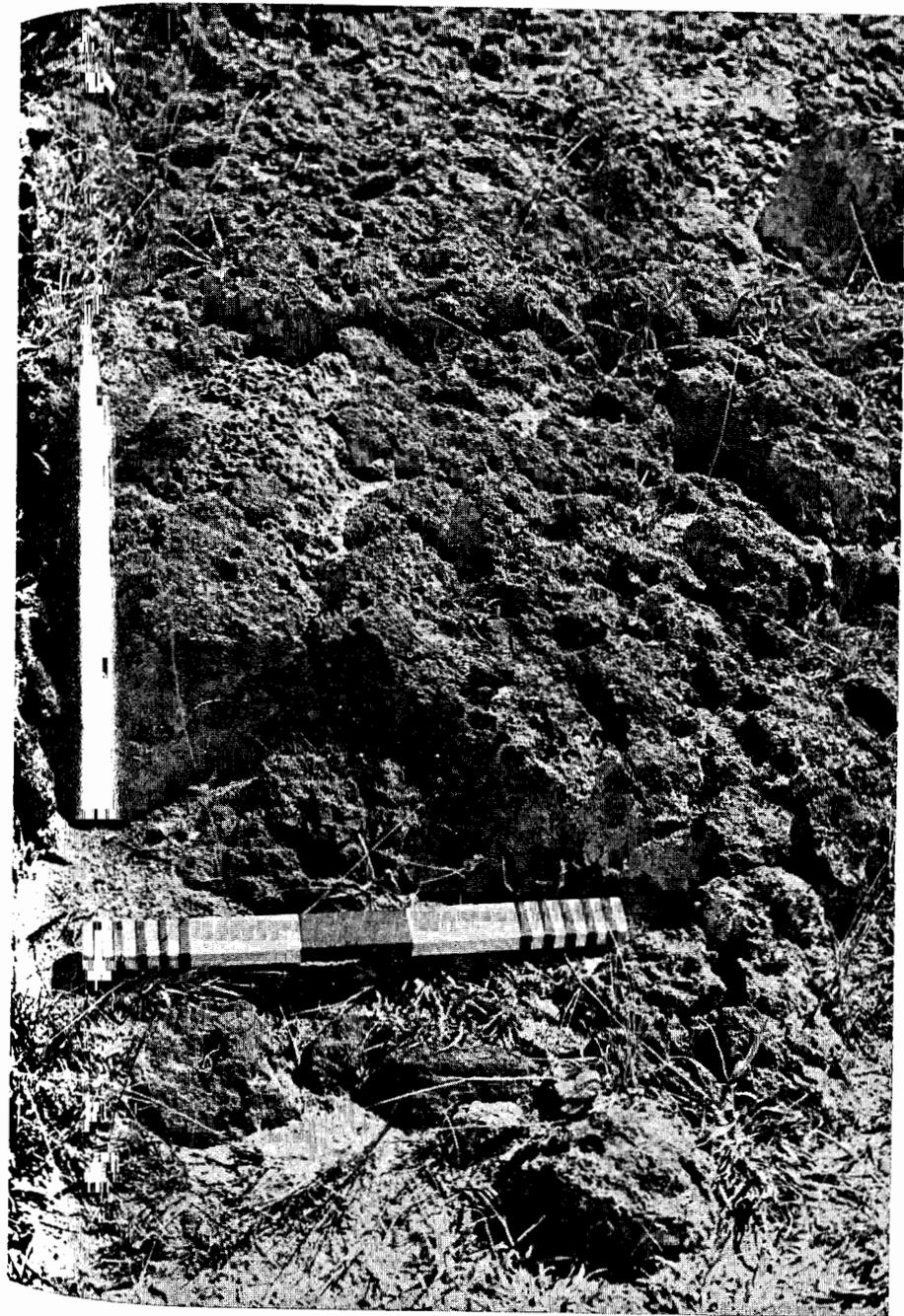


Fig. 9 — *Laterito cobrindo depósitos de terraço da Jazida 1 do rio Capitão (Sá da Bandeira).*

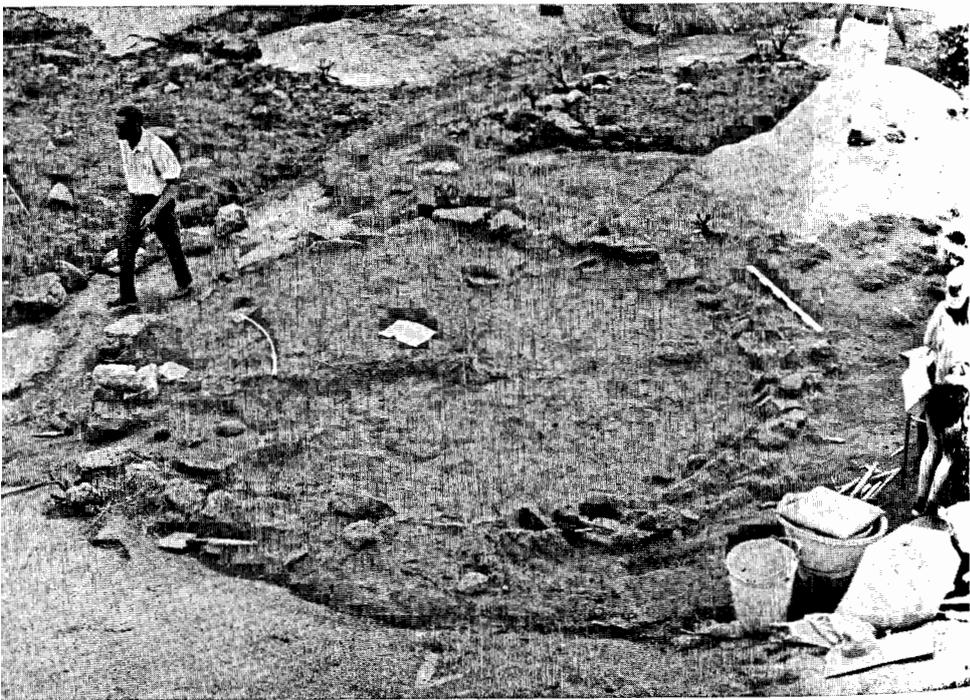


Fig. 10 — Povoado fortificado da *Quitavava* (*Alto Catumbela, Ganda*): estrutura n.º 1 durante as escavações de Agosto de 1973.



Fig. 11 — Estruturas 1 (à direita) e 2 (à esquerda) do povoado fortificado da *Quitavava* durante as escavações de Agosto de 1973.

a chamada *Porca da Vila*, de Bragança, e da célebre *Porca de Murça*. Note-se que ambas estas estátuas são machos, a primeira representa um urso, e a segunda, embora alguns autores antigos a refiram como urso, a sua morfologia leva-nos a considerá-la mais como porco.

Projectou alguns slides de alguns exemplares do notável grupo de 15 berrões do castro do Monte de St.^a Luzia (Freixo de Espada-à-Cinta), 13 porcos e 2 touros, alguns muito mutilados.

Aludiu ao grupo dos 7 berrões das Cabanas (Moncorvo), que estão no Museu Etnológico de Belém, grandes porcos de granito, encontrados perto da confluência da Ribeira da Vilarica com o rio Sabor, dos quais mostrou alguns desenhos e fotografias.

Referiu com algum pormenor o achado do grande berrão de Picote, descoberto em 1952 num recinto de parede circular com cerca de 3 metros de diâmetro, seguido de um corredor de 9 metros de comprimento por metro e meio de largura.

Especialmente no corredor, na escavação a que procedeu em 1952 e em 1953, apareceram muitos ossos de boi, de cabra ou ovelha, alguns, poucos, de porco, e menos ainda de coelho.

A posição do berrão, a meio do recinto circular, voltado para o corredor, e a natureza dos ossos, considerados restos de comida, levam a crer que naquele monumento era prestado culto ao porco.

Quanto ao significado ou finalidade dos berrões fez rápidas referências às opiniões de arqueólogos nacionais e estrangeiros.

O achado de Picote, único caso em que o berrão foi achado *in loco*, permite considerá-lo como um ídolo, ou divindade, a quem se prestaria culto como animal sagrado.

Quanto à cronologia e etnologia passou em revista os pareceres que têm sido formulados por vários autores, terminando por considerar a cultura dos berrões com pré-céltica e devida aos Draganos, tribo pré-celta que vivia na região do actual Trás-os-Montes.

Algumas conclusões:

A quantidade de berrões, no nordeste do nosso país nada menos de 49, a monumentalidade de alguns,

com 2 m de comprimento, e, por outro lado, a pequenês de outros, verdadeiras estatuetas votivas, levam, imediatamente, a pensar que tais berrões, grandes e pequenos, constituem claras manifestações de um velho culto zoolátrico, no qual certos animais eram considerados sagrados, possuindo, seguramente mágico poder tutelar.

Ao observar as estátuas de pedra de que nos ocupamos, algumas pequenas e outras reproduzindo em tamanho natural porcos, javalis, touros e ursos, imediatamente ocorre que algo de importante e muito ponderoso deve ter influenciado a modelação de tais estátuas.

A veneração e consequente adoração dos animais deve ter começado naturalmente, por uma atitude de reconhecido agradecimento do homem pelos benefícios por eles prodigalizados.

O culto por certos animais é possível seja reminiscência de velho totemismo. No que respeita aos porcos de pedra de Trás-os-Montes não me parece hipótese a considerar.

Tótem, como é bem sabido, é a coisa, ser vivo animal ou planta, região ou acidente geográfico, porção de matéria inanimada ou entidade astral, que é considerada como o tronco inicial, remoto, de um grupo de homens, o grupo totémico.

O tótem, em primeiro lugar, é pois o *antepassado do grupo*, em segundo lugar é o seu *espírito protector*, o seu *benfeitor*, que envia oráculos e, mesmo quando é perigoso para os outros, conhece e poupa os seus filhos.

As pessoas de determinado tótem, respeitam-no e têm para com ele deveres e obrigações sagradas, cuja violação acarreta castigo imanente. Tais obrigações exigem respeito formal e categórico pelo tótem o que implica não o molestar, não lhe causar o menor dano, e muito menos matá-lo. Consequentemente é rígido tabú comer a sua carne.

Parece mais lógico admitir que o culto das gentes por certos animais, porco, touro e bode ou cabra, o seja como reflexo de reconhecimento e gratidão pelos benefícios e proveitos recebidos.

Ora o porco, animal de fácil criação em domesticidade estabular ou em regime de pastoreio, à *vezeira*, é, sem dúvida, ainda hoje, o animal mais prestadio da culinária trasmontana.

A carne de porco, quer fresca, nas febras, nos rijões e no lombo assado, quer curada nas linguças, nos alsichões e nos presuntos, é altamente apreciada.

A superioridade culinária da mesma é celebrada pelo povo de Trás-os-Montes quando afirma: *Das carnes o carneiro, das aves a perdiz, e, sobretudo a codorniz, mas se o porco voara não havia carne que lhe chegara.*

O achado do grande berrão de Picote, de pé, a meio da câmara circular do monumento em forma de palmatória, câmara seguida de um corredor cuja escavação forneceu numerosos fragmentos de animais vários e também pedaços de louça de barro, vasos e pratos, encontrados especialmente no corredor, atesta, sem a menor dúvida, que aquele porco se pode considerar um ídolo, ao qual se prestaria culto em cerimónias rituais com deposição de oferendas.

O notável achado de Picote, infelizmente destruído, atesta, seguramente, a existência de um velho culto prestado ao porco.

Pelo conjunto de circunstância daquele achado pode concluir-se que o monumento de Picote era, como que um templo, em que se prestava culto ao porco divinizado.

Suponho não ser ousado atribuir significado zoolátrico às estátuas dos berrões, muitas delas averiguadamente originárias dos nossos castros trasmontanos, pelo que se poderá generalizar a mesma origem a todos os berrões, e, daí, tal zoolatria ser de origem essencialmente originária daquele zona castreja trasmontana.

Com os elementos de que actualmente dispomos não se pode dizer que tal culto estaria ligado só à defesa dos gados e à magia dos pastos e da reprodução, como queria Cabré em face dos exemplares de touros que encontrou nas Cojotas, num recinto de encerramento de gados.

Este distinto arqueólogo espanhol afirmou não lhe restarem dúvidas quanto a tais berrões corresponderem a um culto de magia protectora dos gados.

Tais estátuas teriam a finalidade de esconjurar calamidades, roubos, doenças e outros malefícios a que estão sujeitos os animais das manadas ou rebanhos.

Esta hipótese de significado exclusivamente gandeiro tem, desde já, um argumento contra: é a interpre-

tação de uma das legendas em caracteres ibéricos| gravada num dos verracos de las Cojotas, que foi traduzida assim: *Deus porco bravo protector da cidade de Adoja*.

Nesta leitura, que poderá, no entanto, considerar-se hipotética, há um sentido lato de deus protector da cidade.

Por que havemos de restringir a sua acção protectora só aos gados e não considerar a sua influência tutelar extensiva às gentes, suas pessoas e casas, a todos os seus haveres e, consequentemente também aos seus gados?

O facto de esculpir em granito rude as estátuas zoomórficas dos berrões, alguns de proporções avantajadas, pois chegam a atingir os dois metros de comprimento, deve corresponder a uma intenção séria e reflecte, seguramente, um estado de espírito da colectividade, coordenador dos esforços conducentes ao arranque, desbaste, e modelação da pedra em estátuas, a que se seguiria o seu transporte e assentamento dentro do recinto muralhado do castro.

E já não aludo ao monumento no género do de castro do Poio de Picote, de câmara circular e corredor, que talvez tivesse réplicas para instalação dos berrões que, averiguadamente, têm sido achados em castros.